

ENTREVISTA

Prof. Dr. Camilo Pereira Carneiro Filho¹

A Revista Novas Fronteiras conversou com o Dr. Camilo Pereira Carneiro Filho, professor na Escola Superior de Propaganda e Marketing de Porto Alegre. Camilo é mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem fronteiras territoriais como área de estudo e de atuação.

Com a entrevista², buscou-se compreender as diferenças conceituais entre fronteiras e limites, bem como debater sobre os conflitos internacionais emergentes no cenário atual decorrentes de reações entre nações que envolvam as áreas que ora separam, ora unem nações e regiões.

NOVAS FRONTEIRAS

Camilo, nesta edição da revista Novas Fronteiras, o tema vai estar relacionado à ideia de limites de fronteiras. Seja fronteiras políticas, físicas, culturais ou de qualquer outra natureza. Então, para contextualizar, qual a diferença conceitual entre fronteira e limite?

CAMILO PEREIRA CARNEIRO FILHO

Bom, temos muitos problemas relacionados a fronteiras, principalmente na América do Norte e na Europa. Aqui, relacionado à Geografia Política e Relações Internacionais, limite não é sinônimo de fronteira. Comumente vemos nos jornais as duas

palavras sendo usadas como sinônimos. Só que, nas Relações Internacionais, elas são coisas bem distintas. Para ser bem sintético, a gente pode entender limite como uma linha, algo que não pode ser habitado, e fronteira como uma área, uma zona, que pode, sim, ser habitada e, muitas vezes, existem populações significativas dentro dessas áreas.

NF

De uns anos para cá, o assunto de fronteira e de território ficou mais em evidência. Alguns assuntos de RI acabam entrando mais na pauta da mídia, e conseqüentemente, pela sociedade, ele acaba sendo mais discutido. Mas muitas pessoas ainda olham o mapa-múndi e não têm uma noção muito certa

do quanto essa configuração já mudou ao longo da história. A partir de que momento que os Estados começaram a se organizar da forma que eles estão hoje? Foi a partir do Tratado de Vestfália, de 1648, ou em que momento isso aconteceu?

CAMILO

A gente tem a configuração do primeiro Estado moderno na Europa o Reino de Portugal, que vai do século XII. Mas a gente tem, sim, o Tratado de Vestfália como um marco na organização do sistema internacional. Podemos entender o ano 1648 como uma das datas que vai moldar o atual sistema internacional formado por Estados independentes com suas fronteiras e com sua soberania reconhecidas. Dessa forma, temos o Tratado de Vestfália de 1648. Porque anteriormente, sobretudo antes da Revolução Francesa, a gente tem a ausência do elemento do nacionalismo. Isso vai surgir no final do século XVIII com a Revolução Francesa, e nós vamos ter dois elementos fundamentais. As fronteiras fazendo parte desse novo sistema internacional dentro de cada Estado nós vamos ter um limite que tem que ser reconhecido pelos Estados vizinhos. Essas questões de fronteira acompanham a história de cada país. Nós temos um mapa desde os tempos de escola nas aulas de geografia e história e muitas vezes achamos que aquelas fronteiras são imóveis, que é a moldura de cada país, e é errado isso. As fronteiras e os limites são elementos que estão em constante mutação. A gente teve recentemente na última década a criação de novos países. Sudão do Sul foi último deles, e frequentemente os mapas não mostram esse país porque são baseadas em cartas anteriores ao surgimento desse país que foi por volta de 2010.

NF

Professor Camilo, em relação ao paradigma do nacionalismo dos séculos XVIII e XIX, e trazendo um pouco mais pra atualidade: hoje em dia debatemos a questão da supranacionalidade, colocando-a como consequência da nacionalização e os efeitos que isso pode ter na nossa cartografia. A maneira que enxergamos os limites territoriais hoje podem ser alteradas através do fenômeno da supranacionalidade?

CAMILO

Nós temos uma série de novas tecnologias que vão

além das fronteiras, como internet e telefones celulares. E temos testemunhado o quanto essas tecnologias têm sido utilizadas para ultrapassar as fronteiras. Como no caso do próprio exército islâmico, recrutando jovens na Europa que tem pais de origem islã. No caso da França em especial, sendo parte de uma parcela da população que tem muita dificuldade de conseguir emprego, muitas vezes é marginalizada. São elementos que fazem com que esse grupo, que é mais frágil dentro da sociedade, seja captado para a fileira desses novos atores internacionais.

NF

Até mesmo acolhidos, não é?

CAMILO

Exatamente.

NF

É como se fosse um movimento contrário: até então tínhamos a sensação de uma globalização que rompia barreiras. E agora, têm surgido movimentos mais protecionistas.

CAMILO

Isso é muito interessante, porque a globalização está muito ligada às novas tecnologias. A internet, os aviões, navios com containers que carregam mercadorias por todo mundo. Mas essa globalização não ocorre da mesma maneira em todas as partes do globo. Temos a globalização dos países ricos, os que estão conectados, a população desses países está integrada. Mas, de um outro lado, temos a população dos países pobres, que dificilmente alcança os benefícios dessas novas tecnologias. Vamos ter hoje uma série de problemas de fronteira, onde as novas tecnologias estão atuando de forma muito presente, no caso as grandes levas de migrantes que saem da África e do Oriente Médio em direção à Europa. Eles estão fugindo de guerras, eles estão fugindo da morte. Eles estão em uma situação de tamanho desespero que eles arriscam a vida para cruzar o mediterrâneo e muitas vezes atravessar por um país que não os recebe de forma adequada. E eles encaram isso porque o que deixaram pra trás é uma situação de tragédia humanitária, muitas vezes de perseguição racial. E a gente vê dentro dessas levas de migrantes o uso das tecnologias como ce

¹ Professor do Curso de Relações Internacionais da ESPM-Sul. Pós-doutorando e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com doutorado sanduíche pela Université Paris 1, Panthéon Sorbonne. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação em Geografia e em Direito pela PUC-Rio.

² A gravação da entrevista foi realizada no estúdio de rádio da ESPM-Sul, em parceria com o curso de Jornalismo da instituição, e pode ser ouvida em formato de Podcast através deste [link](#).

lulares e internet para checar onde estão os postos de controle.

NF

Dentro do tema dos imigrantes, desta crise humanitária, há algumas teorias das Relações Internacionais que são críticas à questão das fronteiras no momento em que elas acabam dividindo pessoas, gerando a exclusão de pessoas que não pertençam a determinados lugares - quando, na verdade, todos somos humanos. Qual que é tua visão em relação à essas teorias que são críticas ao paradigma atual que temos sobre fronteiras?

CAMILO

Todas as fronteiras são artificiais. Na prática elas nasceram de convenções e tratados que se basearam em algum tipo de elemento, seja determinado número de população semelhante ou a língua. Para que cada Estado Nacional surgisse, a gente teve uma grande quantidade de mitos fundadores que passaram a justificar esses Estados. Grande parte desses Estados surgiram, sobretudo em nome do interesse das grandes potências no momento em que foram criados. Temos exemplos de vários Estados que não surgiram se não fossem interesses de Inglaterra e França. A própria África que tem seus limites cortados “à régua”. A África foi partilhada pelas grandes potências europeias entre 1884 e 1885. E as grandes questões que ocorrem até hoje nos países africanos surgiram nessa partilha. Onde os Estados africanos, na época colônias, foram repartidos entre potências europeias e nenhum africano foi chamado para participar da Conferência de Berlim. E que é algo que, historicamente, é muito recente.

NF

Pode-se dizer que a causa dos primeiros movimentos de delimitação de territorial são os mesmos elementos que hoje afloram nesse período de maior protecionismo?

CAMILO

Temos determinados países mais antigos, os países europeus que foram criados com bases em alguns princípios, com identidade nacional, um povo com semelhanças genéticas e linguísticas. E posteriormente, na era dos impérios, temos uma série de

colônias que são territórios pertencentes a esses países mais poderosos e aqueles países já têm uma construção completamente diferente dos países iniciais. Eles são o produto dos interesses das grandes potências. Então surgiram países completamente artificiais, os chamados Estados-tampão, como o Afeganistão que reúne uma série de povos que tem línguas diferentes, tribos completamente distintas, muitas vezes inimigas. Na África tivemos a mesma coisa, povos que muitas vezes eram inimigos históricos sendo colocados juntos no mesmo território que era controlado por uma potência europeia. Isso vem tendo seus efeitos até os dias de hoje. A raiz dessas guerras civis que a África tem em seu território é de 1884 e 1885 quando os europeus dividiram esse território. O Oriente Médio é a mesma coisa. Se olharmos o mapa do Oriente Médio, quem desenhou os países Iraque, Síria, Líbano, Palestina e Jordânia não foram os que lá habitavam, foram os ingleses e franceses. Algumas fronteiras são linhas retas, se vocês olharem o mapa, essas linhas retas muitas vezes mostram esses acordos entre as grandes potências.

NF

Dentro deste tema das consequências das fronteiras, um dos artigos dessa edição trata da importância da segurança nacional da Amazônia legal. E sabemos que o território da Floresta Amazônica se divide entre oito países. Mas como se dá essa divisão territorial sabendo que esses limites parecem ser abstratos e penetráveis?

CAMILO

Eu tenho alguma experiência na Amazônia, e poderíamos considerar um nono país que seria a França com a Guiana Francesa. A gente tem até hoje, por exemplo, na fronteira entre o Brasil e Suriname uma floresta fechada, não existe forma de chegar ali. E tem uma base do exército brasileiro que se chama Tiriós, no meio da selva em uma clareira, onde tem um contingente muito pequeno de militares e suas famílias. Esse é o tipo de fronteira que só existe no mapa, se tirarmos uma foto aérea só dá para ver uma floresta fechada. Grande parte da Amazônia ainda tem essa configuração. O que há são algumas poucas cidades gêmeas, que são aqueles pares de cidades que ficam dos dois lados do limite internacional, e nessas áreas existem as interações entre os países vizinhos. O Iapoque e São Jorge na Guiana Francesa, Pacaraima no Roraima

e a cidade venezuelana de Santa Helena do Uairén e Tabatinga e Letícia na fronteira com a Colômbia, são essas pequenas áreas onde há interação, onde vemos a soberania de cada Estado nacional.

NF

Atualmente, nessa conjuntura que vemos, quais são os principais conflitos fronteiriços existentes? Tu vê alguma mudança cartográfica ocorrendo em breve?

CAMILO

Na África, sobretudo, nós temos uma série de conflitos que são configurados como guerras civis. E sim, nós teremos muito provavelmente o surgimento de novos Estados. Um deles, por exemplo, é o Estado dos Tuaregues no centro do Saara abrangido uma área de seis países. Na Ásia temos vários que já se declararam independentes, só falta ter o reconhecimento internacional. A Transnístria na Moldávia, a própria Chechênia, duas áreas na Geórgia, a Abecásia, a Ossétia do Sul, são vários exemplos de lugares que ainda não tem o seu reconhecimento internacional garantido, mas no futuro pode vir a ser novos Estados nacionais.

NF

Podemos ter como certeza que ainda vamos ver o mapa mudar?

CAMILO

Com certeza, nos próximos dez anos, tenho convicção que vários Estados ainda surgiram no mapa.

A Revista Novas Fronteiras agradece imensamente a participação e colaboração do Prof. Dr. Camilo Pereira Carneiro Filho, que nos cedeu uma entrevista em formato de Podcast (a qual pode ser acessada neste [link](#)). Sua contribuição fora bastante enriquecedora para o tema desta edição da Revista - que ainda pode e deve ser muito explorado. Desejamos a todos uma excelente leitura.

Corpo Editorial Revista Novas Fronteiras